
CONSTELAÇÕES REPUDIADAS

Rubens de Azevedo (*)

Durante muitos séculos, o aspecto do céu se apresentou sensivelmente o mesmo no que se refere às venerandas constelações formadas na mais alta antiguidade, as quais continuam, ainda, a enriquecer a abóboda celeste. Desde épocas proto-históricas ali figuram a princesa Andrômeda acorrentada esperando ser devorada pelo Monstro Marinho, enquanto Perseu, seu salvador, cavalga o alado Pégaso; o Serpentário segura em suas fortes manoplas a Serpente; o Aquário derrama o seu vaso de água; o gigante Órion investe contra o Touro; a Virgem, tem à sua mão a doirada Espiga; o Centauro ataca o Lobo; o Cisne, abre suas largas asas entre a Lira e a Águia; os Gêmeos, símbolo eterno da fraternidade, sentam-se lado a lado.

Nem todos sabem, porém, que houve uma verdadeira revolução destinada a arrancar do céu esses heróis e símbolos pagãos e substituí-los por figuras cristãs. Essa revolução foi mais além: pretendeu, também, mudar o nome dos planetas.

O autor da idéia foi o filósofo alemão Julius Schiller, que teve a acompanhá-lo nada menos do que o famoso cartógrafo do céu, João Bayer, autor da famosa "Uranometria". Por volta de 1627, esses dois sábios publicaram uma obra destinada a formidável repercussão nos meios científicos e culturais do mundo. Iniciava-se o trabalho por uma dissertação que demonstra quanto as constelações pagãs são contrárias ao sentimento religioso cristão. Muitos padres da Igreja foram chamados a dar a sua opinião: Isidoro, que taxava as constelações pagãs de diabólicas; Lactâncio, que lamentava o fato de a humanidade ainda reverenciar os heróis antigos; Agostinho, que afirmava que esses heróis, se existiram, estavam queimando no inferno... e assim por diante.

A obra pregava uma mudança radical no céu, a começar pelos planetas (entre os quais os autores incluíram o Sol e a Lua), que passariam a chamar-se daí em diante:

O Sol	- N. S. Jesú Cristo
A Lua	- A Virgem Maria
Saturno	- Adão
Júpiter	- Moisés
Marte	- Josué
Vênus	- S. João Batista
Mercúrio	- Elias

Eis a justificativa: Jesú Cristo é o verdadeiro Sol, rei do Céu e da Luz; a Virgem Maria já era representada com a Lua sob os pés. É branca, pura e tem o resplendor da Luz de

(*) - O autor é Presidente da Sociedade Brasileira dos Amigos da Astronomia (SBAA) em Fortaleza, Ceará e Membro da União Brasileira de Astronomia, (UBA).

Cristo; Adão é o Pai da Humanidade; Moisés é o grande herói do Povo de Deus e da Santa Causa; Josué é o guerreiro que a venceu, tendo, para isso, imobilizado o próprio Sol no meio do céu; João Batista foi a "Estrela Matutina" de Jesus, ou seja, o Precursor do Sol. E, finalmente, Elias, porque foi arrebatado num carro de fogo para o céu e porque será ele o Mensageiro do Fim do Mundo...

No que se refere às constelações, foram, também, todas elas, substituídas. Assim é que o Zodíaco passaria a ser constituído da seguinte maneira:

Aries, o Carneiro, ficava sendo São Pedro; Taurus, o Touro, seria Santo André; Gêmini, os Gêmeos, São Tiago; Câncer, o Caranguejo, São João Evangelista; Leo, o Leão, São Tomé; Virgo, a Virgem, seria São Diogo; Libra, a Balança, São Filipe; Scorpio, o Escorpião, São Bartolomeu; Sagittarius, o Arqueiro, São Mateus; Capricornus, o Capricórnio, seria São Simão; Aquarius, o Aquadeiro, São Tadeu e Pisces, os Peixes, São Matias.

Destaquemos algumas das constelações a serem substituídas: Antinoo (constelação retirada do céu há algum tempo) passaria a representar o filho da sunamita ressuscitado por Elias. A Águia passaria a ser Santa Catarina, a padroeira dos astrônomos. Argo, o Navio, seria, naturalmente, a Arca de Noé. Camelopardus, a Girafa, seria o camelo que transportou Isaque e Rebeca. Cassiopéia seria substituída por Maria Madalena. Neste caso, havia outra sugestão: ela poderia ser Betsabéia, filha de Elião e mulher de Urias, o heteu, a qual se tornou mulher de Davi depois que seu marido foi morto em batalha. Cefeu, o pai da graciosa Andrômeda seria substituído pelo rei Salomão, o sábio, famoso pelos seus julgamentos e pelo poema naturalista "Cântico dos Cânticos". Cetus, a Baleia ou Monstro Marinho, seria, é claro, a Baleia que engoliu Jonas...

A Corona Borealis, Coroa Boreal seria doravante a Coroa de Espinhos colocada à frente do Cristo durante a Flagelação. Crater, a Taça, seria a Taça de Prata que José do Egito mandou esconder no surrão de Benjamim a fim de prendê-lo como refém; mas poderia também representar um dos potes das Bodas de Caná. O Cisne, que se apresenta como uma imensa cruz de estrelas, passaria a representar a Cruz de Santa Helena, a mãe do Imperador Constantino.

Erídano, o Rio Celeste, se transformaria no Rio Jordão, o mais famoso da História Sagrada. Draco, o Dragão, seria, é claro, o Dragão de São Jorge. Hércules passaria a representar o herói Sansão, tendo à mão a caveira de burro com que abateu o exército dos filisteus. Ophiuchus, o Serpentário, seria São Paulo, tendo às mãos a víbora maltesa com o auxílio da qual conseguiu conquistar os ferozes habitantes da Ilha de Malta. Órion, o caçador, seria Josué, guerreiro hebreu. Pégasus, o Cavalito Alado, seria o corcel de Ninrode, o Órion Bíblico. Perseu, o libertador de Andrômeda, passaria a simbolizar David tendo à mão a Cabeça de Golias - sabe-se que Perseu tem à mão a cabeça da Górgona Medusa.

O Sextante se transformaria na toalha com que Santa Verônica enxugou o rosto de Cristo e cuja imagem ficou nela gravada. O Triângulo seria a Mitra de São Pedro.

A Ursa Maior (conhecida na Europa sob o nome de Carro), seria o carro que José enviou para transportar seus irmãos ao Egito...



Tentativa de substituição das constelações pagãs pelas cristãs, imaginada no séc.XVII

Outro entusiasta da substituição do céu pagão pelo céu cristão foi a heraldista Caesius, o qual apresentou idéias semelhantes às de Schiller.

Com referência às constelações nada pôde ser feito porque nem todos são judeus ou cristãos. No que se refere aos planetas, nem mesmo os cristãos puderam ver com bons olhos as substituições - muitas delas revestidas até mesmo de certa irreverência. Imaginemos, por exemplo, num Anuário Astronômico reformado por Julius Schiller esta previsão: "Dia tal, às tantas horas e tantos minutos, eclipse total de N.S. Jesus Cristo"... Ou então: "Durante o mês tal, Adão encontrar-se-á sobre S. João Evangelista". Ou ainda: "Tabela para os nascimentos e ocasos de Jesus Cristo". Podemos ficar por aqui.

Na segunda metade do século 17, o cartógrafo Weigel construiu dois globos celestes, nos quais substituiu as antigas constelações pelos brasões das famílias reinantes da Europa: a Ursa Maior ficou sendo o Elefante da Dinamarca; a Águia ficou sendo a Águia de Brandenburgo; Bootes, o Boieiro, se transformou na Flor de Lis da França; o Órion, virou a Águia Romana bicéfala. Encontram-se essas idéias codificadas no "Caelum Heraldicum", publicado em Jena, no ano de 1688.

Há mais: alguns estudiosos alemães propuseram que se colocasse no céu, em lugar de Órion... Napoleão Bonaparte!

Constelações modernas foram criadas por alguns astrônomos e cartógrafos do céu, entre os quais podemos citar: Agostinho Royer (o criador do Cruzeiro do Sul), Hevelius, Edmundo Halley, Flamsteed, La Caille, Le Monnier, Lalande, Poczobut, Bode e outros.

Foram arrancadas do céu por extemporâneas ou inexpressivas as seguintes constelações:

A Abelha - criada por Bayer em 1603;

O Carvalho de Carlos II, de Halley, formada em 1690;

A Flor de Lis, de Hevelius, datada de 1690;

A Rena e o Tordo Solitário, ambas formadas por Le Monnier em 1774;

Messier (o Caçador), o Quarto de Círculo Mural, o Aerostato e o Gato - todas formadas por Lalande em 1776;

O Touro de Poniatovski, formada por Poczobut, em 1777;

As Honras de Frederico, criada por Bode, em 1786;

A Harpa de George, composta por Hell, em 1789;

A Máquina Elétrica e o Atelier Tipográfico, ambas criadas por Bode em 1790.

Até no Brasil a mania de criar constelações pegou: foi sugerida a criação da constelação da Torre de Eifel, composta com estrelas do Centauro e do Lobo. Felizmente a idéia não pegou; seu autor, cujo nome não nos ocorre, escreveu a Camille Flammarion, fazendo a sugestão; escolheu mal o destinatário, pois o sábio de Juvisy era acérrimo inimigo da criação de asterismos.

As constelações foram criadas ao acaso, com o andar dos milênios e representam um estrato cultural intocável. Não

podem ser substituídas assim, sem mais nem menos. As venerandas figuras que ornaram o firmamento que se arqueia sobre nós estão aí desde o princípio dos tempos e são aceitas pela Humanidade inteira. Os astros têm o seu nome ligado à Mitologia e à História Antiga e não podem comportar outras denominações.

Todas as tentativas no sentido da substituição das constelações redundarão em fracasso.

Bibliografia

- ARAGO, FRANÇOIS - Astronomie Populaire - Gide et Baudry, Paris - 1854
- DELAUNAY, CH. - Cours Élémentaire d'Astronomie - Garnier Frères - Paris - 1885
- FLAMMARION, CAMILLE - Astronomie Populaire - Ernest Flammarion, Paris - 1905
Les Étoiles et les Curiosités du Ciel
Ernest Flammarion - Paris - 1899
- GRADY, JORGE O' - Dicionário Brasileiro de Astronomia e Astro-náutica - Rio - 1975
- MOURÃO, RONALDO ROGÉRIO DE FREITAS - Atlas Celeste - JCM Ed., Rio - 1971.

* * *

INSTRUMENTOS DO AMADOR

Mário Jaci Monteiro

Instrumentos do Amador destina-se a prestar informações sobre aparelhos de observação astronômica (de binóculos a telescópios) que de um modo geral se encontram ao alcance do amador de Astronomia no Brasil. Os primeiros números, como disse, versarão sobre instrumentos de minha propriedade, que adquiri e depois modifiquei, ou que desenhei e montei dentro de certas especificações. Se você tem um aparelho feito em casa, mande-nos o esquema do mesmo, acompanhado de texto e fotografia, para publicação.

Vez passada vimos a restauração de uma luneta de 60mm de abertura e 700mm de distância focal. Por efeito de economia (preço de venda: Cr\$ 4.300,00, sem lucro - vide Bolsa de Telescópios) ela foi montada num sistema de forquilha, barra de alumínio dobrada em "U". Essa montagem é muito simples e funcional, exceto por um detalhe: se o aparelho é maior que a forquilha, o que era o caso, e se essa forquilha está montada perpendicularmente ao cabeçote do tripé, o tubo do aparelho irá forçosamente bater nesse cabeçote quando apontado para o zênite, impedindo portanto a observação de regiões do céu situadas imediatamente acima de nossas cabeças.

Se o aparelho for menor que a forquilha não há problema, já que poderá "transitar" entre os braços da mesma, abrangendo todas as regiões do céu.

Estamos tratando de uma montagem altazimutal, na qual o aparelho varre o horizonte ou faixas do céu paralelas a ele, ao tempo em que se desloca em altura, para cima e para baixo.